

Mas essa explicação torna-se desnecessária uma vez que afirmo:

«...a métrica é o aspecto técnico do ritmo».

Creemos que há aqui, neste pequeno apinhado, grande confusão. Que o verso tem ritmo, não sofre dúvida alguma; que o verso pode ser rimado, também não é menos certo; mas também não é menos verdade que prosa também tem ritmo, e pode por sua vez ser rimada, sem contudo deixar de ser prosa e nunca ser verso. E' por isso que em muitos poetas encontramos certos versos que são palavras alinhadas que mais conviriam à prosa; mas acontece por vezes encontrarmos em certos prosadores certas linhas de prosa que são autênticos versos, como se verifica num Chateaubriand, por exemplo.

A nosso ver, e na opinião de alguns lingüistas, a diferença essencial entre a prosa e o verso, enquanto forma, é uma questão de linguagem. O próprio Brémond, o teorizador da Poesia Pura, fala-nos, incidentalmente, dessa diferença de linguagem, embora como aspecto secundário.

«As palavras da prosa excitam, estimulam, acumulam as nossas actividades vulgares; as palavras da poesia acalmam-nas, como que a querer suspendê-las».

Brémond surpreende a existência duma diferença de linguagem, como fica assente; mas não foi feliz na sua caracterização. Se invertermos os atributos concedidos à prosa e à poesia, não deixa de haver aí menos verdade: há prosa repousante e verso excitante. Logo a definição dessa diferença de linguagem não está certa. É demasiadamente poética.

Mais se aproxima da verdade Paulhan, quando demarca dois aspectos distintos na linguagem: o da linguagem *sinal*, ou representativa, e o da linguagem *sugestão*. O primeiro tipo é o da linguagem que podemos chamar *científica*, na definição de Servien, e o segundo é o da linguagem lírica na classificação do autor de «Le Langage des Sciences».

Diz Paulhan:

«Um teorema de geometria comporta sobretudo a linguagem sinal (ainda que para certos espíritos possa ser uma poderosa sugestão). Uma poesia, pelo contrário, emprega geralmente a linguagem *sugestão*».

A linguagem sinal é a que define o pensamento matemático; a linguagem *sugestão* é a que abre as portas à fantasia, ao sonho.

Chegamos, por esta ordem de idéias à distinção principal entre o verso e a prosa, como pontos extremos. Mas, além da diferença de linguagem da prosa e do verso, há que contar também com uma diferença de ritmos, motivo porque a definição de poesia de Paulhan, ou melhor de linguagem poética, não nos satisfaz, mas nos dá certos elementos para melhor compreendermos a forma poética. Da junção de ritmo especial à linguagem poética é que nasce a forma poética, como muito bem o observa Servien, quando afirma que o verso não é mais do que uma estrutura sonora do lirismo, ou da linguagem lírica. A linguagem lírica é para Servien a linguagem da poesia, com as suas características especiais:

«... a propriedade essencial da linguagem lírica, é ser feita de frases que não admitem equivalência.»

Por isso a crítica literária, que Servien pretende transformar numa ciência, servindo-se da linguagem das próprias ciências, é tarefa assás difícil, para quando não se cáí no princípio de Karl Vossler; de que «A crítica estética é uma recreação imitativa da obra de arte».

Há, porém, entre estes dois campos, absolutamente extremos, um campo intermédio em que elementos das duas linguagens se entrelaçam; são os elementos formais da prosa romanesca. É aquela zona «onde (no dizer de Servien) lançam raízes as disciplinas Ilusórias».

Em conclusão: O que distingue a prosa do verso é a linguagem especial de que cada uma destas manifestações artísticas se serve, diferença essa de conteúdo e ritmo.